

A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO DA LIBRAS LOGO APÓS O DIAGNÓSTICO DA SURDEZ¹

THE IMPORTANCE OF INITIATION OF LIBRAS SOON AFTER THE DIAGNOSIS OF
DEAFNESS

Gleison Costa RAMOS² | Aline Rodrigues CARVALHO³ |

RESUMO: A comunicação como liberdade de expressão é reconhecida como um direito humano, ela é fundamental para uma sociedade mais justa. Neste sentido, o presente trabalho de pesquisa traz como principal objetivo, analisar a importância da Libras no processo de comunicação desde o diagnóstico da surdez. Além disso, refletir acerca de propostas que possam ajudar na comunicação entre o surdo e a sociedade. Desse modo, foi possível perceber que a utilização da Libras deve ser cada vez mais incentivada na sociedade e não utilizada apenas nas instituições escolares, pois esta, a língua de sinais, possibilita ao surdo interagir com o meio em que vive, construir e firmar sua identidade, colaborando ainda para a melhoria da qualidade de vida da população surda do país, além de assegurar-lhes os direitos como cidadão e o respeito às diferenças. Destaca-se que, a família frente uma criança surda, seja orientada no enfrentamento não somente do cuidado afetivo, mas de prepará-la para a vida; não considerando a surdez uma patologia que precisa de cura, mas, uma pessoa que constrói e comunica linguisticamente de forma diferente, conceituando o seu mundo de maneira singular, por meio de sua percepção viso espacial.

Palavras-Chave: Libras; Inclusão; Sociedade.

ABSTRACT: Communication as freedom of expression is recognized as a human right, it is fundamental for a fairer society. In this sense, the present research work has as its main objective, to analyze the importance of Libras in the communication process since the diagnosis of deafness. In addition, reflect on proposals that can help in communication between the deaf and society. In this way, it was possible to perceive that the use of Libras should be increasingly encouraged in society and not only used in educational institutions, as this, the sign language, allows the deaf to interact with the environment in which they live, build and establish their identity, further collaborating to improve the quality of life of the country's deaf population, in addition to ensuring their rights as citizens and respect for differences. It is noteworthy that, when facing a deaf child, the family should be guided in facing not only affective care, but preparing them for life; not considering deafness a pathology that needs to be cured, but a person who builds and communicates linguistically in a different way, conceptualizing their world in a unique way, through their visuospatial perception.

Keywords: Libras; Inclusion; Society.

¹ Recebido em: março de 2023 | Aceito em: dezembro de 2023

² Mestre em Ensino de Ciência da Natureza pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Licenciado em Pedagogia pela UNIR. Técnico Administrativo – Pedagogo – Instituto Federal do Amazonas (IFAM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4441-7057>. E-mail: gleison.ramos@ifam.edu.br

³ Licenciada em Letras Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci e em Pedagogia pela Universidade Norte do Parana. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3228-042X>. E-mail: alinerodriguesrm@gmail.com

INTRODUÇÃO

A perda auditiva consiste em um problema sensorial não visível, que apresenta dificuldades na detecção e percepção de sons. Consequências danosas são ocasionadas ao desenvolvimento do indivíduo em razão da natureza complexa do ser humano, visto que padrões sociais, emocionais, linguísticos e intelectuais estão ligados entre si (Araújo & Lacerda, 2008).

A língua de sinais é a língua materna dos surdos, aquela pela qual outras estruturas se constroem, não havendo, a priori, limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez (Góes, 1996). Portanto, o que pode prejudicar o desenvolvimento do surdo é a qualidade das suas experiências e as possibilidades para consolidação da linguagem.

Muitas famílias ao receber o diagnóstico de surdez do filho, buscam atendimentos, tratamentos clínicos e educação oralista na tentativa de oferecer aos filhos surdos, a oportunidade de constituírem-se como sujeitos e cidadãos através da linguagem oral. Muitos pais, não estabelecem a Língua de Sinais na comunicação com seus filhos, porque desconhecem a importância dela para o desenvolvimento psíquico-social e ainda como uma forma de aquisição dos conhecimentos das pessoas surdas. Há por parte deles a ilusão de que seus filhos possam ouvir ou tornarem-se semelhantes aos ouvintes.

Diante destas considerações, em um estudo realizado sobre a aquisição da linguagem em crianças surdas, filhos de surdos, Quadros (1997b) concluiu que, as crianças que tem o acesso logo após o diagnóstico, a uma língua espaço-visual e à sua função linguística desde o nascimento, estas desenvolvem a linguagem sem deficiências, favorecendo assim a comunicação.

De acordo com a Lei 10.436/02, Libras foi reconhecida e oficializada como língua no território brasileiro, e vem abrindo caminhos para que as pessoas surdas sejam respeitadas e se integrem ao meio em que vivem. Entretanto, os ouvintes raramente têm conhecimento e domínio da Libras, e faltam à maioria das escolas e hospitais profissionais, entre outros locais públicos com esse conhecimento para receberem pessoas surdas.

Nesta perspectiva, o objetivo geral desse trabalho é: Analisar a importância da Libras no processo de comunicação desde o diagnóstico da surdez. Além disso, refletir acerca de propostas que possam ajudar na comunicação entre o surdo e a sociedade, evidenciando na literatura científica a visão da escola e da sociedade a respeito da Libras e destacando assim, a necessidade de sua inserção na sociedade.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, na qual os dados do embasamento teórico foram obtidos por materiais bibliográficos de autores renomados. Esse tipo de metodologia, de acordo com Flick (2004), tem a sua relevância reconhecida no que diz respeito ao estudo das relações sociais, levando-se em conta principalmente a pluralização da vida em sociedade, o que é fundamental a análise baseada nos preceitos da pesquisa bibliográfica, sendo extremamente relevante seu uso de forma particular na sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sabe-se que até que seja diagnosticada a surdez, a família interage com a criança por meio da fala e de cantigas de ninar. É só a partir do diagnóstico que toda essa relação muda radicalmente. Há mudanças perceptíveis no comportamento dos pais para com seus filhos surdos. A partir daí a interação das crianças surdas com suas mães ouvintes estará condicionada à representação ou imagem que cada mãe vai construindo do filho com alguma deficiência ou como alguém apenas diferente (Nader e Pinto, 2011).

Difícilmente a importância da Libras, como salientam Dizeu e Caporali (2005), é apontada pelos profissionais que dão o diagnóstico da surdez aos pais. Esta, no entanto, deve ser por eles ressaltada, pois é fundamental para o processo educacional, social e cultural da criança surda, bem como para o seu desenvolvimento geral. As autoras declaram ainda, que se os pais recebessem orientações adequadas quanto à importância da Libras para o desenvolvimento da criança, e sobre as possibilidades que essa língua oferece, seriam poupados transtornos e prejuízos, tanto à criança e a si mesmos. Evitariam muitos problemas emocionais a que estes são submetidos. Nesse sentido, Harrison (2000) reforça que a língua de sinais fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição da linguagem e o conhecimento de mundo e de si mesma.

A trajetória principal do desenvolvimento psicológico da criança é de progressiva individualização, ou seja, é um processo que se origina nas relações sociais, interpessoais e se transforma em individual, intrapessoal (Vygotsky, 1989). O desenvolvimento cognitivo da criança surda, ao ser abordado por Fernandes (2000), privilegia o suporte linguístico na língua de sinais. Propiciar a aquisição da Língua de Sinais à criança surda, antes de tudo como respaldo e principal instrumento para o desenvolvimento dos processos cognitivos, é o primeiro e indispensável passo para a verdadeira educação deste indivíduo.

De acordo com Santana (2007), a linguagem é o principal mediador das funções cognitivas, e as esferas simbólicas (processos de significação) atuam mesmo na ausência de uma língua melhor

organizada. Os surdos têm memória, atenção, percepção, que também são construídas, sobretudo, visualmente. Na ausência de uma língua estruturada, o cérebro dinâmico organiza-se por meio de processos de significação eminentemente visuais, que conferem à cognição uma qualidade particular, um processamento simultâneo e espacial. Entretanto, a ação simbólica da cognição é uma conquista da linguagem. A partir de seus estudos, Vygotsky (1984) afirma que o desenvolvimento cognitivo e a socialização da criança estão relacionados diretamente à aquisição da linguagem. Para Rodriguero (2000), a linguagem desempenha importante papel na percepção, pois a criança começa a perceber o mundo não apenas através dos olhos, mas também da fala, que se torna parte essencial do seu desenvolvimento cognitivo. A fala desempenha funções na reorganização da percepção e na criação de novas relações entre as funções psicológicas. Os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, conforme destaca Luria e Yudovich (1978), incluem o conjunto de interação entre criança e o ambiente, podendo os fatores externos afetar esses processos de maneira positiva ou negativamente. A vista disso, torna-se, necessário desenvolver alternativas que possibilitem às crianças com deficiência meios de comunicação que as habilitem a desenvolver o seu potencial linguístico.

A criança ouvinte, desde seu nascimento, é exposta à língua oral; dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem (Dizeu & Caporali, 2005).

Complementando, Quadros (1997) afirma que o processo de aquisição da língua de sinais é equivalente ao processo de aquisição das línguas faladas. Pois, em relação aos estágios da aquisição da linguagem (período prélinguístico, estágio das primeiras combinações, e estágios das múltiplas combinações), compreendemos que crianças ouvintes e crianças surdas passam pelos mesmos processos sem haver grandes disparidades. Portanto, quanto mais cedo criança surda for apresentada a sua língua materna, maior será a facilidade no desenvolvimento de sua linguagem.

A importância de comunicar foi reconhecida no art. 19 na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que estabelece que “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”, sendo assim se comunicando o indivíduo tem acesso a informações como também pode transmiti-las. Segundo Schelles (2008), a comunicação é considerada uma ferramenta necessária em todos os tipos de relações, e ela só acontece de maneira devida quando a mensagem é recebida com o mesmo sentido com o qual ela foi transmitida, podendo ser feita de várias maneiras, através da linguagem

verbal ou não verbal, desde que seja um processo completo e coerente. De acordo com Dizeu; Caporali (2005) vivemos em uma sociedade onde o domínio da língua oral é predominante, logo as pessoas precisam adaptar-se a ela para que tenham uma boa interação social, pois na maioria das vezes, a população não está pronta para acolher o indivíduo que comunica de outras formas.

Os surdos se comunicam através da língua de sinais, e de acordo com Quadros (2004) a Libras não é uma língua oral, e sim uma língua de modalidade gestual-visual. Os surdos muitas vezes necessitam buscar outros meios de se comunicar com as pessoas ao seu redor, não utilizando a sua língua natural, devido a poucos ouvintes se apropriarem dela. Segundo Strobel (2008), a maioria das pessoas, ignora as características e necessidades dos surdos, muitas vezes até estereotipando-os como deficientes; sendo assim, os surdos precisam se adaptar a determinadas condições que não lhes convêm, desrespeitando sua cultura, identidade e sua língua materna.

A comunidade surda é composta por um grupo de pessoas, que buscam trabalhar em conjunto e que apoiam os objetivos da comunidade que participam. Segundo Felipe (2007) os surdos que participam dessas comunidades possuem características específicas, eles assumem uma cultura própria e geralmente preferem se relacionar e se comunicar com pessoas surdas.

Os surdos que frequentam a comunidade surda necessitam participar de duas comunidades e de duas culturas e aprenderem duas línguas a Libras e a língua portuguesa, para que possa se comunicar com o ouvinte e o não ouvinte. É importante entender que: Uma Comunidade Surda não é um "lugar" onde pessoas deficientes, que têm problemas de comunicação se encontram, mas um ponto de articulação política e social porque, cada vez mais, os Surdos se organizam nesses espaços enquanto minoria linguística que lutam por seus direitos linguísticos e de cidadania, impondo-se não pela deficiência, mas pela diferença (FELIPE, 2007, p. 197).

As comunidades não são compostas apenas por surdos, mas também por ouvintes como: pais de surdos, intérpretes, familiares, ouvintes que fazem trabalho de assistência social ou religiosa, amigos e professores que se interessam pela história e luta desta comunidade. A diferença entre comunidade surda e o povo surdo é que a comunidade não é composta apenas por surdos, mas por várias pessoas que compartilham as metas comuns dos seus membros e procura alcançá-las e o povo surdo é formado por sujeitos surdos.

Quando pronunciamos, povo surdo, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (STROBEL, 2008, p.29).

As pessoas que participam da comunidade surda se envolvem com várias entidades como: Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS), que de acordo com a mesma é uma

entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos. A Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos (CBDS), organiza e regulamenta muitas práticas de várias modalidades de esportes de povo surdos, também promove competições entre as associações de surdos e outros. Outras Instituições: Federação Estaduais Esportivas de Surdos, Associações de Pais e Amigos de Surdos, Associações de Intérpretes de Libras, escolas de surdos e outros. Representações religiosas: pastorais de surdos, ministério de surdos, grupos de jovens de igrejas, etc.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou a ser oficialmente reconhecida como meio legal de comunicação dos surdos, devido aos grandes esforços que os mesmos tiveram para garantir a sua cidadania, essa grande conquista foi oficializada através da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e a reconhece como meio legal de comunicação e expressão para os falantes da língua de sinais e outros recursos de expressão a ela associados. A aprovação dessa lei foi uma conquista para a comunidade surda, trazendo mais oportunidades para os surdos, principalmente em relação ao reconhecimento de sua cultura, de sua identidade, trazendo mudanças inclusive no seu processo educacional, além da regulamentação de profissionais intérpretes (BARBOSA, 2011).

Apesar de tudo isso, é perceptível que a Libras é pouco usada pelos ouvintes, e muitos ainda não têm o conhecimento sobre a mesma, mesmo ela sendo um meio para a comunicação com o surdo. Segundo Quadros (2004) a Libras ainda é pouco conhecida e compreendida pela população no geral.

As Línguas de Sinais são apontadas como línguas naturais ou materna dos surdos, elas possuem particularidades específicas que as distingue dos outros meios de comunicação. A Língua de Sinais é uma língua de modalidade gestual-visual, a sua estrutura é diferente da estrutura da Língua Portuguesa, que tem por base o campo oral-auditivo, pois na Língua Portuguesa é utilizado os sons emitidos pela voz, sons estes que para o surdo é imperceptível (Quadros, 2004).

A Língua Brasileira de Sinais é um meio de garantir o convívio e a interação do surdo com a sociedade. Sua utilização facilita a comunicação entre os surdos e ouvintes. A utilização da Libras nos diversos contextos sociais contribui para a inclusão dos surdos, minimizando as variadas formas de preconceito e discriminação com os mesmos, como relatamos no texto deste trabalho sobre sua trajetória de vida. A utilização da Linguagem Brasileira de Sinais é uma forma de garantir a preservação da identidade das pessoas e comunidades surdas. Além disso, contribui para a valorização e reconhecimento da cultura surda que, por tanto tempo, foi o alvo da hegemonia da cultura ouvinte.

A respeito aos trabalhos encontrados e relacionados a este estudo, conclui-se, que a linguagem é um fator essencial para o desenvolvimento cognitivo e para a socialização da criança. Que há uma grande dificuldade na comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, isso ocorre porque ambos se comunicam em línguas diferentes, dificultando assim a autenticidade e sustentabilidade do diálogo no contexto familiar.

Portanto, faz-se necessário uma tomada de consciência por parte dos profissionais e da família em busca de soluções para superar tal distorção. Sendo assim, propiciar à criança surda o acesso à língua de sinais nos primeiros anos de vida, logo após o diagnóstico, é muito importante para que a mesma possa desenvolver a sua linguagem, favorecendo assim a comunicação.

Evitando todo desgaste familiar nesse processo de adaptação, onde as buscam sejam, na construção de ambientes com espaço visual correlacionado a função linguística. A partir disso, haver condições de executar um trabalho exitoso na área de ensino da Libras, com o surdo com a sociedade ouvinte.

Destaca-se também, que é necessário dar condições para tal e obter comprometimento de pessoas capacitadas e bem formadas. É preciso o cumprimento das leis e políticas públicas nas esferas municipal, estadual e federal relacionadas a Libras no nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os surdos, ao longo dos anos, foram alvos da visão hegemônica dos ouvintes que afirmava ser a surdez uma deficiência que deveria ser tratada clinicamente. Sabemos que o intuito do Ouvintismo era encontrar uma cura para a surdez, como se a surdez fosse uma doença que deveria ser curada ao torná-lo oralizado.

A vista disso, conclui-se que a utilização da Libras deve ser cada vez mais incentivada na sociedade e não utilizada apenas nas instituições escolares, pois, a língua de sinais, possibilita ao surdo interagir com o meio em que vive, construir e firmar sua identidade, colaborando ainda para a melhoria da qualidade de vida da população surda do país, além de assegurar-lhes os direitos como cidadão e o respeito às diferenças.

Tem percebido que as atuais políticas educacionais, implicitamente tem propagado uma concepção de uma educação para as crianças em que deverá estar sob a égide da sociedade. Porém, as famílias, ainda, constituem uma referência para os filhos, sobretudo os mais pequenos, oferecendo um lugar de segurança e, mais ainda, um espaço acolhedor e de afetividade, um refúgio social, que permite defender o indivíduo frente as adversidades da vida, e, proporcionando perspectivas de futuro.

Portanto, este estudo observa-se que há uma lacuna de conhecimento que precisa ser preenchida em relação à importância da Língua Brasileira de Sinais frente ao desenvolvimento de pessoas surdas desde o diagnóstico. Sendo importante que a criança seja diagnosticada com deficiência auditiva o mais breve possível. E que a família seja orientada por esses profissionais a se organizarem, com adaptações em casa, placas com o nome e desenho dos objetos, entre outros meios. Para que assim, pouco a pouco a família possa aprender libras, proporcionando o convívio mais proveitoso, e o principalmente a aceitação da deficiência.

A família frente uma criança surda, será desafiada no enfrentamento não somente do cuidado afetivo, mas de prepará-la para a vida; não considerando a surdez uma patologia que precisa de cura, mas, uma pessoa que constrói e comunica linguisticamente de forma diferente, conceituando o seu mundo de maneira singular, por meio de sua percepção viso espacial. Compreender o desenvolvimento da criança surda em sua forma única de significar e rês significar o mundo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. C. M. & Lacerda, C. B. F. de. (2008). Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 13(2), 186-192.
- BARBOSA, L. R. S. A Língua Brasileira de Sinais como inclusão social dos surdos no sistema educacional. *Polyphonia*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 173-187, 2011.
- BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2002.
- DIZEU, L.C.T.B.; CAPORALI, S.A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, maio-ago. 2005
- FELIPE, Tanya. *A LIBRAS em contexto: Curso básico: Livro do estudante*. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007. Disponível em acesso em 20 de Julho de 2018 às 10:00.
- FENEIS. *Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos*. Disponível em: acesso em: 05 de Julho de 2018 às 22:30.
- FERNANDES, E. (2000). Língua de sinais e desenvolvimento cognitivo de crianças surdas. *Revista Espaço: informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, 78 (13) 48-50.
- GÓES, M. C. R. (1996). *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Autores Associados.
- HARRISON, K. M. P. (2000). O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento. In: Lacerda, C.B.F.; Nakamura, H.; Lima, M.C. (Org.). *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue*. (p.114-122). São Paulo: Plexus.
- LURIA, A. & Yudovich. R. (1978). *Lenguaje y desarrollo intelectual en el niño*. Madri: Pablo de Rio.

- NADER, J. M. V. & Pinto, R. C. N. (2011). Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40(2), 929-943.
- QUADROS, R. M. (1997b). *Aquisição da linguagem por crianças surdas*. Libras. Série Atualidades Pedagógicas, 4(3), 81-107.
- QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- QUADROS, R. M. de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua*. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2004
- RODRIGUERO, C. R. B. (2000). O Desenvolvimento da Linguagem e a Educação do Surdo. *Psicologia em Estudo*. 5(2), 99-116
- SANTANA, A. P. (2007). *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus.
- SCHELLES, S. A importância da linguagem não verbal nas relações de liderança nas organizações. *Revista Esfera*, Brasília, n. 1, p. 1-8, 2008.
- STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: acesso em 07 de Junho de 2018 às 14:2
- VYGOTSKY, L. S. (1984). *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L.S. (1989). *Concrete human psychology*. *Soviet Psychology*, 27(2), 53-77.